

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANNA FABIOLA DE SOUSA INÁCIO

**OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO LUTO MATERNO NAS MÃES QUE
PERDERAM SEUS FILHOS PARA A COVID-19**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

ANNA FABIOLA DE SOUSA INÁCIO

**OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO LUTO MATERNO NAS MÃES QUE
PERDERAM SEUS FILHOS PARA A COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

ANNA FABIOLA DE SOUSA INÁCIO

**OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO LUTO MATERNO NAS MÃES QUE
PERDERAM SEUS FILHOS PARA A COVID-19**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 25/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Junior

Membro: Profa. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

Membro: Esp. Daniela Coelho Andrade

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO LUTO MATERNO NAS MÃES QUE PERDERAM SEUS FILHOS PARA A COVID-19

Anna Fabiola de Sousa Inácio¹
Joel Lima Júnior²

RESUMO

O presente trabalho visa discutir acerca dos impactos psicossociais do luto materno decorrente da perda de filhos para a COVID-19. O trabalho trata-se de uma pesquisa de campo de natureza básica, cuja análise de dados caracteriza uma abordagem qualitativa. Desta maneira, manifesta-se que a pandemia da COVID-19 exibiu uma nova compreensão sobre a morte, o morrer e o luto. Milhares de vidas foram perdidas em um curto espaço de tempo, com restrições de rituais para as despedidas e, por consequência, interferência no processo da elaboração do luto, afetando assim o bem-estar psicológico das mães enlutadas. O estudo também revelou a falta de suporte adequado, tanto emocional quanto social, o que contribui para o agravamento do sofrimento dessas mães. Portanto, espera-se que este estudo contribua para uma maior sensibilização sobre o tema e para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas de apoio mais eficazes e humanas para as mães enlutadas.

Palavras-chave: Maternidade. Luto Materno. COVID-19. *Coping*. Psicologia.

ABSTRACT

This study aims to discuss the psychosocial impacts of maternal mourning due to the loss of children to COVID-19. This is a basic field research, with qualitative data analysis. Thus, it is evident that the COVID-19 pandemic has brought about a new understanding of death, dying and mourning. Thousands of lives were lost in a short period of time, with restrictions on farewell rituals and, consequently, interference in the mourning process, thus affecting the psychological well-being of bereaved mothers. The study also revealed the lack of adequate support, both emotional and social, which contributes to the worsening of the suffering of these mothers. Therefore, it is expected that this study will contribute to greater awareness of the issue and to the development of more effective and humane public policies and support practices for bereaved mothers.

Keywords: Maternity. Maternal Mourning. COVID-19. *Coping*. Psychology.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: annafabiolasousa@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: joellima@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Recentemente, a humanidade enfrentou uma das mais significativas crises de saúde pública de sua história ao lidar com a enfermidade originada por um novo tipo de coronavírus, denominada coronavírus 2019 (ou, em inglês, coronavirus disease 2019 - COVID-19), também conhecida como SARS-CoV-2. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a COVID-19 é uma doença altamente contagiosa, transmitida principalmente por via respiratória.

Seus sintomas variam desde um leve resfriado, incluindo tosse seca, febre, forte dor de cabeça e cansaço, até formas mais graves, com danos aos órgãos e possibilidade de óbito (WHO, 2021). O coronavírus surgiu na China, rapidamente se espalhou pelo mundo, levando a OMS a declará-la como pandemia (Demenech, 2020).

Além dos impactos na saúde pública, a COVID-19 trouxe consigo desafios emocionais e sociais, intensificando o processo de luto e aprofundando suas complexidades. O luto é uma experiência universal que atravessa todas as culturas e sociedades, sendo uma resposta natural à perda de um ente querido.

Kovács (2008) destaca que a morte, especialmente quando ocorre de maneira inesperada, pode causar desorganização e impotência. Assim, há um grande impacto psicossocial nas pessoas que ficam após a perda.

Durante a pandemia de COVID-19, houve um aumento significativo no número de mães que perderam seus filhos para essa doença. Thomas (2020) relata que as políticas de distanciamento social e as medidas de higienização, especialmente no contexto da morte de um familiar devido à COVID-19, têm implicações negativas no equilíbrio emocional daqueles que enfrentam essa perda. Essas mães enfrentam desafios emocionais, psicológicos e sociais únicos, que podem ter impactos duradouros em sua saúde mental e bem-estar.

Este artigo justifica-se por buscar compreender os desafios enfrentados por essas mães. Além disso, visa proporcionar uma visão dos impactos psicossociais do luto materno e da influência da pandemia de COVID-19 nesse processo. Ao ampliar a compreensão desses impactos, pode-se promover empatia e fornecer o suporte necessário para as mães que vivenciam essa dor profunda. Além disso, com uma justificativa acadêmica, que é contribui para enriquecer o conhecimento profissional e acadêmico em Psicologia, colaborando para o aprimoramento das práticas terapêuticas voltadas ao luto materno decorrente da COVID-19.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo geral discutir a cerca dos impactos psicossociais do luto materno decorrente da perda de filhos para a COVID-19. Os objetivos

específicos incluem identificar fatores de risco e de proteção associados ao luto materno em decorrência da COVID-19, investigar as estratégias de *coping* utilizadas pelas mães durante o processo de enlutamento e discutir como a Psicologia pode atuar frente ao aconselhamento do luto nesse contexto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE E O MORRER

A percepção da morte e do morrer tem passado por mudanças desde os primórdios das sociedades antigas até os tempos atuais. Essas modificações variam conforme as diferentes culturas, e a compreensão desses percursos é de grande relevância. Assim como o nascimento, a morte faz parte do processo de vida do ser humano e, portanto, torna-se algo natural do ponto de vista biológico. No entanto, a essência humana também é definida por aspectos simbólicos, pelos significados e valores atribuídos às coisas. Dessa forma, o significado da morte inevitavelmente varia ao longo da história e entre as diversas culturas (Cominato; Queiroz, 2006).

Segundo Ariès (2012), no século V-VII, antes de se saber que a hora da morte havia chegado ou que ela estava próxima, a morte era encarada de forma íntima, aguardada com calma e sobriedade. Era considerada um momento tranquilo e sereno. O autor nomeia esse período como a morte domada, em que o sujeito acreditava ter domínio sobre ela. Nesse contexto, os indivíduos percebiam sinais instintivos que indicavam que sua morte estava próxima.

Naquela época, a cerimônia fúnebre era tão importante quanto os funerais e o luto são nos dias atuais. O quarto do sujeito transformava-se em um espaço aberto, onde era significativo que familiares, amigos e vizinhos se fizessem presentes. Era um momento de recordação da vida vivida e de pedidos de perdão aos familiares e pessoas próximas. Além disso, havia recomendações para aqueles que assumiriam as responsabilidades após a partida do ente querido, recomendações essas que eram feitas pelo próprio (Godelier, 2017).

A família e a igreja desempenhavam papéis centrais nesse momento. Ritus, passos e gestos eram realizados quando o indivíduo sentia que a morte se aproximava. A diferença de classe econômica também se refletia no tratamento dos mortos: os socialmente importantes eram enterrados dentro da igreja, enquanto os menos privilegiados eram sepultados ao lado, e aqueles sem dignidade social eram colocados em valas comuns, que permaneciam sempre

abertas. Quando uma vala enchia, ela era fechada, e as antigas eram reabertas para acomodar os ossos secos (Ariès, 2012).

Esse ritual estava associado à crença de que, ao serem enterrados próximos aos santos e mártires, os mortos seriam protegidos do inferno. É importante ressaltar que, embora a igreja e o cemitério estivessem interligados, ambos continuavam sendo lugares públicos, onde ocorriam reuniões e encontros. Assim, vivos e mortos coabitavam esses espaços comuns (Pinho-Fuse, 2022).

No período que se estende do século XII ao XVII, observa-se uma nova representação iconográfica da morte, caracterizada por temas macabros e imagens que retratam a decomposição física. Durante esse intervalo, surge a concepção do juízo final e da prestação de contas das ações humanas. A avaliação dessas ações determinaria o destino do sujeito no momento da morte, levando-o a refletir sobre sua própria trajetória de vida (Fukumitsu, 2018).

Ariès (2012, p. 56) expõe que “acredita-se, a partir de então, que cada homem revê sua vida inteira no momento em que morre de uma só vez. Acredita-se também que sua atitude nesse momento dará à sua biografia seu sentido definitivo, sua conclusão”. Nesse contexto, a morte gradualmente abre espaço para uma preocupação mais individualizada, na qual o sujeito passa a refletir e avaliar suas próprias ações, ciente de que haverá um julgamento de sua vida como um todo, determinando assim seu destino na eternidade.

Segundo Kovács (2008), é comum as pessoas refletirem sobre o que acontecerá após a morte, questionando se existe vida além dela. Essa inquietação é compartilhada por todos os seres humanos. Embora não haja informações definitivas que possam resolver esses dilemas, as pessoas constroem suas concepções sobre a morte com base em experiências pessoais, influenciadas pela cultura e religião.

Nesse percurso, a morte também encontrou espaço na arte e na literatura. Pinturas e obras literárias começaram a retratar a figura de múmias, revelando cadáveres em processo de decomposição. Essas mudanças levaram os indivíduos a encarar a morte de forma peculiar, como descreve Ariès (2012), a morte de si mesmo. Essa conscientização trouxe consigo uma intensificação da dramaticidade e das emoções, que anteriormente eram expressas de maneira mais sutil. Diante desse momento, as pessoas passaram a valorizar mais as coisas da vida.

Com o passar do tempo, surgiram diversas perspectivas sobre a morte. A partir do século XVIII, observa-se sua representação com uma natureza romântica, à medida que as pessoas começam a refletir sobre a morte do outro. Muitos acreditavam que a morte carregava consigo a promessa de uma vida futura, embora também fosse associada à dor da separação dos entes queridos (Sabbadini, 2019).

Contudo, a partir da segunda metade do século XIX, a visão sobre a finitude sofreu uma mudança brusca. A morte, tão comum no passado, tornou-se um assunto silencioso e vergonhoso, deixando de ser algo familiar e transformando-se em um tabu. Atualmente, uma boa parte das pessoas não morrem em seus domicílios, cercadas por familiares, mas sim sozinhas em hospitais. Os rituais fúnebres tornaram-se menos expressivos, e as condolências ocorrem de maneira discreta. Surgiram empresas especializadas para cuidar de todos os serviços relacionados à morte (Ariès, 2012).

Percebe-se uma mudança significativa nos padrões de interação social, que influenciaram a percepção do processo de morrer. No passado, era comum que os sujeitos aguardassem o fim da vida em seus lares, cercados por entes queridos. Entretanto, atualmente, muitos passam seus últimos momentos em hospitais, sob cuidados especializados.

Ariès (2012) afirma que essa fase, denominada de morte interdita, está relacionada às demandas incessantes de felicidade e produtividade na sociedade moderna. Esse deslocamento da morte do ambiente doméstico para os hospitais tornou o processo estranho e distante para o indivíduo.

Embora estejam cientes do ciclo natural do desenvolvimento, no qual nascem, crescem e eventualmente morrem, abordar o tema da morte continua sendo algo que incomoda as pessoas. É uma questão que suscita angústia, tristeza e uma série de medos e fantasias (Canastra, 2007).

2.1.1 Os rituais frente à morte e o morrer

Inicialmente, é importante esclarecer que os rituais relacionados à morte envolvem o cuidado com o falecido, as práticas de sepultamento e os ritos funerários, bem como as formas pelas quais os vivos se relacionam com os mortos, especialmente durante o processo de luto (Ribeiro, 2021). Esses rituais têm sido uma constante na história da humanidade, representando uma síntese de símbolos que materializam o que muitas vezes não pode ser expresso em palavras.

Na Antiguidade, as civilizações realizavam rituais em honra aos falecidos, acreditando que essas almas habitariam outras dimensões. Os objetos favoritos dos mortos eram colocados junto a eles, e até mesmo comida e bebida eram depositadas nos túmulos (Citroni *et al.*, 2006).

Os rituais funerários não eram meramente uma sequência de práticas para elaboração do luto; também definiam o grau de notoriedade e prestígio do falecido. Quando se tratava de

pessoas importantes, especialmente aquelas ligadas a atividades políticas, a atenção dedicada aos rituais era intensificada (Motta, 2009).

Na Pré-História, os corpos deixados ao ar livre eram facilmente destruídos por animais e bactérias. No entanto, os corpos depositados em grutas passavam por um processo de decomposição diferente. Após a decomposição da carne, os esqueletos impregnavam-se de carbonato de cálcio até petrificar-se. Os homens dessa época descobriram que as grutas eram locais ideais para a preservação dos corpos, resultando na abundância de ossadas humanas encontradas em grutas funerárias, o que impulsionou o avanço da Arqueologia (Lourenço, 2016).

No Egito Antigo, os rituais funerários eram especialmente significativos. Os faraós, considerados deuses com poderes totais, eram enterrados em grandes pirâmides. Acreditava-se que a alma encontraria Osíris, e, portanto, o corpo precisava ser preservado ao máximo. A maioria da população era enterrada nas areias do deserto do Saara (Rezende, 2000).

Nas civilizações da Grécia e Roma Antigas, os rituais não se limitavam ao momento do enterro. Eles perduravam nos cuidados familiares aos túmulos dos antepassados, incluindo a oferta de refeições fúnebres. Em troca, as almas dos mortos tornavam-se divindades protetoras de seus descendentes, e os túmulos eram considerados templos dessas divindades. Os terrenos onde repousavam os mortos eram propriedade perpétua das famílias, e os túmulos eram adornados internamente com motivos alegres, pois acreditava-se que os mortos não poderiam se unir aos antepassados se estivessem tristes (Possebon; Medeiros, 2014).

Os rituais de passagem, o local do sepultamento e o destino da alma também estavam presentes na cultura brasileira. As cerimônias fúnebres eram realizadas com o objetivo de proporcionar uma ‘boa viagem’ para o além. Os corpos eram velados e sepultados em locais apropriados. Os cortejos fúnebres percorriam as cidades, enquanto lanternas e castiçais iluminavam as casas, e os acompanhantes entoavam preces adequadas ao momento. Nessa época, as pessoas se preparavam para a morte, buscando evitar que ela ocorresse de forma abrupta, aspirando a um ‘bem morrer’. Para isso, era essencial prestar contas aos que continuavam vivos e fornecer instruções sobre como o corpo deveria ser tratado após o falecimento (Reis, 1991).

No entanto, a morte, que antes era uma presença próxima, tornou-se distante nos tempos atuais. O mundo dos deuses e mitos foi gradativamente substituído pelo conhecimento científico e pela burocratização das formas de organização. Os cortejos fúnebres, outrora realizados a pé pelas cidades, agora são raramente vistos, perdendo-se entre os automóveis. A

responsabilidade pela morte passou das mãos da família, parentes e amigos para profissionais especializados, como hospitais e empresas funerárias.

Essas últimas são vistas pelos familiares como uma maneira rápida e prática de lidar com o processo de morte. Apesar dessas mudanças, algumas tradições dos rituais antigos ainda persistem em religiões como o catolicismo, incluindo celebrações como o enterro, o funeral e as missas de 7º dia, 30 dias e 1 ano (Tavares, 2009). Apesar das inúmeras alterações nos rituais ao longo dos anos, eles continuam desempenhando um papel fundamental no processo de luto.

Costa (2018, p. 11) destaca que “os mitos e ritos estabelecem uma ponte entre a vida material e mental, entre narrativa e sensibilidade, entre experiência e percepção, entre natureza e história, entre fenômeno e signo, permitindo ao ser humano reconhecer-se e reconhecer suas circunstâncias”. Esses rituais são importantes nas sociedades, especialmente quando eventos significativos, como a morte de um ente querido, marcam a vida das pessoas, exigindo a devida consideração (Rodriguez, 2021). O ritual fúnebre, além de simbolizar a despedida do corpo, também carrega aspectos que reverberam além do momento da morte, iniciando o processo de luto para aqueles que permanecem (Souza; Souza, 2019).

Nessa perspectiva, as diferentes culturas definem suas próprias formas, cerimônias e rituais para se despedirem dos entes queridos, tornando esse ato imprescindível para expressar sentimentos, dor e solidariedade, seja de forma verbal ou não verbal (Giamattey *et al.*, 2021). Segundo Kübler-Ross e Saunders (2021, p. 78), “o rito é criado para conferir sentido ao que acontece, tanto à nossa própria morte quanto à morte dos outros. O rito é inerente ao ser humano, e sua ausência compromete nossa humanidade”. Essa origem do rito está relacionada ao medo, especialmente o medo de perder pessoas próximas.

É importante ressaltar que os rituais de passagem desempenham um papel crucial no processo de falecimento e luto. Eles possibilitam que os mortos descansem em paz e permitem que os enlutados enfrentem essa certeza, possibilitando a elaboração do luto. Os rituais fúnebres continuam sendo relevantes nas sociedades, pois, como afirmam Souza & Souza (2019), “as mudanças ao longo da vida, incluindo a perda de entes queridos, precisam ser marcadas e pontuadas, para que esses eventos recebam a devida consideração”.

2.2 MORTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Pandemias frequentemente resultam em mortes em massa em um curto período de tempo, desencadeando diversos impactos psicológicos (Taylor, 2019). Ao contrário de outros eventos com mortes em massa, como desastres naturais, os rituais funerários desempenham um

papel crucial no processo de despedida e elaboração do luto. Durante pandemias, no entanto, esses rituais enfrentam restrições, uma vez que reunir pessoas aumenta o risco de contágio (Scanlon; McMahon, 2011).

Em contextos pandêmicos, a proximidade física, apertos de mãos e abraços devem ser evitados. Procedimentos de tanatopraxia, como a preparação do corpo para homenagens fúnebres, não ocorrem, embora esses momentos tenham significado relevante em culturas e religiões. O cadáver é organizado em um caixão lacrado antes de ser entregue à família (Brasil, 2020).

Essas mudanças tornam o processo de luto ainda mais desafiador, especialmente quando os familiares sentem que o falecido não recebeu os cuidados e o ritual funerário adequados (Ingravallo, 2020). A falta de oportunidade para oferecer e receber conforto também afeta o enfrentamento da perda, uma vez que o apoio social desempenha um papel importante nesse processo (Wallace *et al.*, 2020).

Outra perspectiva comum durante pandemias é a possibilidade de adoecimento e óbito de várias pessoas em um mesmo núcleo familiar, o que intensifica o estresse relacionado à despedida e ao luto (Bajwah *et al.*, 2020). O impacto negativo dessas situações varia conforme a fase do ciclo de vida e as funções desempenhadas pela pessoa falecida na família (Schmidt *et al.*, 2011). Além disso, a morte de pessoas jovens costuma ser especialmente traumática em contextos pandêmicos, afetando crianças, adolescentes e adultos que atuam como cuidadores (Taylor, 2019).

Em 2020, a doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, inicialmente chamada de Coronavirus Disease e posteriormente abreviada para COVID-19, transformou a vida das pessoas em todo o mundo. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) a classificou como emergência de saúde pública de importância internacional. Em 11 de março de 2020, diante do rápido aumento de casos e mortes em diferentes países, a OMS declarou oficialmente a situação como uma pandemia (Hortegas; Santos, 2020).

A pandemia de COVID-19 tornou-se uma das maiores crises globais da atualidade, com um alarmante aumento no número de mortes, mergulhando a população mundial em uma situação de vulnerabilidade sem precedentes. O medo predominante durante a pandemia é, sem dúvida, o medo da morte (Goldim; Fernandes, 2021). O Painel Coronavírus revela que o Brasil registra atualmente 712.324 óbitos, dados atualizados até 12 de junho de 2024.

Entre 2020 e 2021, os noticiários não mais relatavam mortes individuais, mas sim o número total de óbitos. O rápido aumento das mortes por COVID-19 se tornou alarmante,

gerando preocupação global (Santos; Nascimento, 2020). A pandemia não apenas trouxe uma crise epidemiológica, mas também uma crise psicológica.

As perdas de vidas humanas foram acompanhadas pelas perdas de empregos, interações sociais, presenciais e rotinas. Vivenciou-se diferentes formas de confrontar os significados da morte e do luto, desde a privação coletiva da convivência com outras pessoas até a perda da própria saúde ou de entes queridos (Hortegas; Santos, 2020).

Falar sobre a morte durante a pandemia, quando tantas vidas são perdidas diariamente, é uma experiência coletiva e opressora. O processo de morrer, compreendido como um fenômeno biopsicossocial, continua sendo um tema enigmático que muitos evitam pensar ou discutir ao longo da vida. No entanto, em um contexto pandêmico, onde a morte está presente e próxima de todos, torna-se necessário enfrentar essa realidade (Silva *et al.*, 2017).

Miyazaki e Teodoro (2020) destacam que o luto durante a pandemia apresenta diferenças significativas. Os rituais funerários não são realizados conforme os costumes tradicionais ou são adaptados para atender à nova situação. Além disso, os casos de contágio e morte em famílias geram lutos sucessivos. Considerar cenários diversos, como falecimentos em residências, hospitais ou mesmo em isolamento, acrescenta complexidade ao processo de luto. A incerteza sobre o contato com o ente falecido também é uma realidade enfrentada pelos enlutados.

Nos rituais fúnebres durante o auge da pandemia de COVID-19, foram realizados com o mínimo de participantes possível. A preferência era por pessoas mais próximas ao falecido, mantendo o distanciamento social, mesmo quando o sepultamento ocorria com o caixão lacrado e durava no máximo uma hora. Nos enterros, não havia tempo para honras fúnebres tradicionais, uma vez que se evitava qualquer risco de contaminação. Essa ausência de rituais caracterizou uma ruptura significativa em relação ao padrão usual de homenagens fúnebres, sendo substituída por cerimônias individuais em memória do falecido (Silva, 2020).

As várias mudanças nos rituais desorganizaram o processo de luto. Muitos familiares, mesmo sem aceitar racionalmente as orientações sanitárias, acreditam que o falecido não recebeu a homenagem adequada e não puderam ser confortados de maneira apropriada. Essa impossibilidade de vivenciar o luto adequadamente pode aumentar o sofrimento e, ao longo do tempo, levar a comportamentos desadaptados, como pensamentos persistentes sobre a pessoa falecida, afastamento das relações interpessoais e falta de sentido na vida (Crepaldi *et al.*, 2020).

Os rituais de despedida são essenciais, pois ver o corpo sem vida e poder velá-lo contribui para que o enlutado compreenda a realidade da perda. Embora dolorosos, esses rituais são imprescindíveis para a confirmação do luto (Rente; Merhy, 2020). Assim, eles

desempenham um papel fundamental na saúde mental dos enlutados, auxiliando no processo de despedida e na elaboração da perda (Hortegas; Santos, 2020).

Durante a pandemia, o entendimento ampliado do luto se aplica aos sentimentos despertados pela perda de diversas vítimas. Mesmo que essas vítimas não sejam familiares ou conhecidas, a sociedade como um todo é afetada emocionalmente pela constante perda de vidas devido à COVID-19 (Dantas *et al.*, 2020).

3 METODOLOGIA

O presente estudo refere-se a uma pesquisa de campo de natureza básica, com caráter explicativo. A análise dos dados adota uma abordagem qualitativa, que se concentra no universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes. Essa abordagem aprofunda-se no entendimento dos significados das ações e relações humanas, considerando a qualidade da informação coletada, em contraste com a quantificação (Gil, 2002).

Nesse contexto, a pesquisa qualitativa desempenha um papel fundamental na investigação dos impactos psicossociais do luto materno em mães que perderam seus filhos para a COVID-19. Essa abordagem permite uma análise mais completa e aprofundada dos aspectos emocionais e sociais envolvidos no processo de luto. No decorrer da pesquisa, foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico sobre o tema, seguido por uma pesquisa de campo baseada em entrevistas semiestruturadas.

3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é uma unidade que oferece serviços de saúde de caráter aberto e comunitário. Seu objetivo é atender às necessidades das pessoas com sofrimento ou transtorno mental, incluindo aquelas em crises ou em processo de reabilitação psicossocial. A equipe do CAPS é composta por médicos psiquiatras, enfermeiros especializados em saúde mental, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais. Essa equipe realiza atendimentos individuais, grupos terapêuticos e visitas domiciliares.

A pesquisa foi conduzida em um Centro de Atenção Psicossocial no município de Mauriti, no Estado do Ceará. De acordo com dados do IBGE (2022), Mauriti possui uma população de 45.561 habitantes. Atualmente, o CAPS atende a 3.928 usuários, abrangendo tanto a sede quanto os distritos. A escolha intencional do CAPS deu-se em vista da procura do

público-alvo para atendimento relacionado ao tema em estudo, visando assim atender aos critérios de inclusão da pesquisa.

3.2 COLABORADORAS DA PESQUISA

Participaram do presente estudo cinco (5) colaboradoras, com idade compreendida entre 53 e 72 anos. Em relação ao estado civil, três (3) viúvas, uma (1) casada e uma (1) divorciada.

Quanto à religião, três (3) católicas, uma (1) evangélica e uma (1) messiânica. Os critérios de inclusão da pesquisa foram: ser usuária do CAPS, ter acima de 18 anos e ter vivenciado a perda de um filho para a COVID-19. Foram excluídas da pesquisa aquelas que não cumprirem os requisitos mencionados.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Entre as perguntas do roteiro de entrevista continha: (1) Data aproximada da perda do seu filho para a COVID-19? (2) Como você descreveria o relacionamento que tinha com seu filho? (3) Além do seu filho(a) quais outras perdas significativas a senhora já vivenciou? (4) Como você tem se sentido desde a perda do seu filho? (5) Quais emoções têm sido mais presentes? (6) Você buscou ou recebeu apoio psicossocial após a perda? (se sim, quais?) (7) Como a perda afetou suas relações familiares e sociais? (8) Como a perda impactou suas atividades diárias? (9) Houve alguma mudança significativa na sua rotina desde então? (10) O que precisou fazer para retornar à sua rotina? (11) Como você lidou/lida com o processo de luto e aceitação?.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo realizadas na sala destinada pelo Centro de Atenção Psicossocial de Mauriti-CE. As participantes responderam à pesquisa após a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido e assinatura do Termo de Consentimento Pós-Esclarecido.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Como método de análise dos dados coletados, foi utilizada a proposta de análise de conteúdo desenvolvida por Demartini (1988). A tal proposta recomenda a realização de várias leituras cuidadosas do material coletado e transcrito, para guiar a decisão sobre os caminhos a serem seguidos, tendo em vista sempre os objetivos do estudo (Demartini, 1988). Finalizadas

as entrevistas e as transcrições dos relatos de cada entrevistada, novas leituras foram realizadas de toda a história, buscando experiências e significados relevantes para cada participante do estudo.

Demartini (1988) estabelece uma metodologia de trabalho própria, sendo 6 etapas: 1. utilização de trechos dos depoimentos coletados, tendo em vista os problemas da pesquisa; 2. preservação do contexto global da pesquisa, servindo como referência para o entendimento das falas; 3. construção de um temático desde as primeiras leituras, para o fichamento de temas e subtemas, revisando continuamente e reformulando quando necessário; 4. trabalho com partes das entrevistas semelhantes aos subtemas, livremente do contexto todo; 5. conservação das referências dos informantes para serem entendidas; 6. tratamento sincrônico de informações individuais e do sistema no qual os indivíduos estão inseridos.

Destaca-se a relevância da seleção desse método para a análise dos dados, uma vez que possibilita o conhecimento dos valores, costumes, opiniões, relações sociais e familiares vivenciadas pelas entrevistadas, além de suas experiências.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

O desenvolvimento da pesquisa atendeu às recomendações propostas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), através da Resolução N° 510/2016, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas de Seres Humanos do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, sob Parecer n° 6.825.184.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 AS EXPERIÊNCIAS DE PERDA ANTERIORES

Quando se trata das experiências de perda anteriores, é importante destacar que essa característica, marcada pela linearidade do tempo cronológico, permeia ao longo de outras vivências. Portanto, é necessário evidenciar tais discursos:

Primeiramente foi meu esposo, antes do meu filho (E01 – 61 a.)³

³ O anonimato das participantes foi rigorosamente respeitado, utilizando-se a letra E, que refere à entrevista realizada, acompanhado do número conforme a ordem de realização da mesma, seguidas da idade da entrevistada.

A minha vida foi de perdas, a minha primeira perda foi o meu irmão que morreu precoce, ai o tempo depois morreu a minha mãe, no dia que a minha mãe morreu, meu marido foi embora, me abandonou vixe maria, ai, eu achava que eu tinha passado pela pior dor da minha vida. (E04 – 53 a.)

Os discursos mencionados destacam que, apesar de outras perdas, as experiências anteriores continuam a ecoar ao longo da vida. Kast (2018) enfatiza que a alma necessita de tempo quando algo abala e afeta o curso da vida. Nesse sentido, perde-se a paz interior, o centro se desfaz e o desejo é recuperar o senso de si, mas tudo requer tempo.

Além disso, Souza (2016) argumenta que é fundamental compreender a história das perdas anteriores, pois elas geram um certo medo em relação a futuras perdas. Esse medo influencia negativamente a probabilidade de reações complicadas no presente e a capacidade de estabelecer novas conexões. Isso fica evidente no relato da participante E04, que mencionou que sua vida foi marcada por perdas.

É relevante também diferenciar os tipos de perda. Por exemplo, enquanto o marido da participante E01 faleceu, o marido da E04 a abandonou em um momento de vulnerabilidade emocional após a perda de sua mãe.

Owenz e Fowers (2018), relatam que o desconforto causado pela separação em relacionamentos românticos pode levar ao crescimento pessoal e à reavaliação de novas perspectivas, embora seja considerado um estressor. Existe a possibilidade de que pessoas que vivenciaram essa situação se tornem vulneráveis a problemas psicológicos.

Ademais, é possível deduzir que as perdas, quando não afetam negativamente a vida dos indivíduos, podem gerar crescimento e oportunidades para elaboração saudável. Conforme Baldin e Fortes (2008), viver com a ausência do elemento do amor permite que os indivíduos se reinventem.

Mesmo diante da ausência do falecido, as memórias auxiliam no processo de reestruturação da vida após a perda (Baldin; Fortes, 2008). Nos relatos das mães, fica evidente que, ao longo do tempo, elas conseguem seguir suas vidas de maneira adequada às suas vivências e contextos.

4.2 LIDANDO COM A PERDA DO FILHO PARA COVID-19

No contexto da pandemia de COVID-19, a vivência do luto pela perda de um filho apresenta desafios únicos e profundos. A escuta clínica de familiares que perderam seus filhos internados tem revelado aspectos universais e peculiares desse processo, bem como apresentam os fragmentos a seguir:

Nós tinha muito amor, nós tinha muito, muito diálogo, ele era uma pessoa super amável, ele me amava de uma forma que não tenho nem palavras para descrever. Tudo ele me completava e tudo eu completava ele, no amor em tudo, na compreensão, ele me aconselhava eu aconselhava ele (E01 – 61 a.)

Ele não era só meu filho, era meu amigo, meu companheiro, meu confidente, de vez enquanto me dava lição de moral, que nem eu dava nele, nós não era mãe e filho, éramos amigos entendeu? (E04 – 53 a.)

Ave Maria, era muito bom, ele era um filhão pra mim, para mim e para o pai dele, é tanto que ele morreu com 2 meses e 6 dias o pai dele morreu (E05 – 72 a.)

Alarcão, Carvalho e Peloso (2008) destacam que a ruptura da relação mãe-filho, decorrente do óbito, causa uma desestruturação generalizada nas mães. Essa dificuldade de assimilação do luto ocorre porque culturalmente espera-se que os filhos enterrem os pais, seguindo uma ordem cronológica preestabelecida. A alteração dessa sequência de eventos gera a sensação de que algo está faltando, conforme relatado pelas mães. Além do luto pela perda do filho, também há o luto pela perda de um amigo e companheiro.

Evidencia-se que, apesar de ser difícil perder alguém muito querido, o luto causa uma dor avassaladora, especialmente em virtude da COVID-19, que não permite preparação adequada ou rituais fúnebres desejados. O enlutado se apega às lembranças do ente querido. A médica Ana Claudia Quintana Arantes (2019) afirma que, ao passar por uma perda, o indivíduo percebe a profundidade do amor que é capaz de sentir por alguém.

Quando alguém morre, não leva consigo apenas a história de vida compartilhada com aqueles que conviveram com ela, mas tudo o que foi vivenciado permanece vivo nas memórias. Aprender a viver com essa ausência é o primeiro passo. O amor que as mães relatam, ao dizerem que seus filhos eram tudo para elas, permanece vivo nos dias atuais, baseado nos momentos compartilhados com os filhos. A memória dos filhos vive nelas, e é por meio desse amor que o estas mães conseguem se reconstruir após a perda.

No entanto, apesar desse amor profundo, as mães enfrentam desafios ao lidar com a perda para a COVID-19. Durante o internamento, enfrentam falta de apoio social, ausência de serviços, assistência psicológica insuficiente e acesso limitado a informações de qualidade sobre o estado de saúde do filho. Essa dor é difícil de controlar e pode perdurar por quase toda a vida, exigindo intervenções sociais e apoio de profissionais de saúde sensíveis ao contexto da perda e às implicações emocionais de longo prazo.

Portanto, o processo de luto em tempos de pandemia provoca um desamparo nos enlutados, ampliado pela ausência de medidas que poderiam auxiliar no enfrentamento. Práticas religiosas, apoio familiar e solidariedade no velório são recursos que fazem falta (Maia *et al.*,

2021). Embora as experiências sejam semelhantes, a vivência de cada participante é única e subjetiva.

4.3 O PROCESSO DO LUTO

Souza Neto *et al.* (2020) destacam que o sofrimento e a tristeza são componentes inerentes à vida e, especialmente, ao processo de enlutamento. O luto é uma experiência universal, vivenciada por todas as pessoas, e não deve ser patologizado. Inicialmente, é fundamental oferecer acolhimento, escuta e orientações para que os enlutados possam elaborar, no tempo que lhes for necessário, o processo de perda e, conseqüentemente, encontrar prazer e continuidade na vida.

Carpinejar (2021) ressalta que o período mais angustiante do luto é o amanhã, quando o indivíduo ainda não se reconectou plenamente à sua existência e os sonhos confundem seu discernimento. É essencial observar o enlutado com cuidado, evitando que o sofrimento se intensifique a ponto de causar adoecimento ou complicações adicionais.

Em relação ao processo de enlutamento, destacam-se:

Eu me sinto quase uma pessoa inútil, mas aí chega os outros e fala “mãe, a senhora é útil para nós”, aí muitas vezes eu falo meu Deus, eu não sei porque que o senhor me deixou, porque eu tive também doente com eles, a primeira que entrou no hospital, foi eu (E01 – 61 a.)

Perda muito grande, né?! Ruim, né?! (E02 – 62 a.)

Não é mais né? Do jeito que era. Nunca mais vai voltar o que era antes, né? Eu não vivo mais para mim, sabe? (E03 – 58 a.)

Vazia, vazio que ninguém preenche, nem ninguém e nem nada. Não tem nada que preenche, nada, aquele vazio tá ali, nem ninguém preenche não, a gente tem que viver porque a gente tem que seguir em frente, tem filhos, tem os netos, tem que seguir, a gente tem seguir (E04 – 53 a.)

Tem dia que a gente tá triste, toda hora que se lembra chora, né? (E05 – 72 a.)

Pereira *et al.* (2022) discutem que para algumas mulheres, a maternidade representa um ápice de grande importância e expectativa. Desde o momento em que descobre a gestação, ela assume um papel social fundamental: o de mãe. Nesse contexto, carrega consigo a responsabilidade de cuidar e proteger o filho em desenvolvimento. No entanto, quando ocorre a perda desse filho, esse evento se torna complexo e de difícil compreensão, afetando não apenas a mulher, mas toda a família e desestruturando-a emocionalmente.

Destaca-se na fala da E01 o sentimento de inutilidade decorrente da quebra do papel social de ser mãe. Além disso, a E04 relata um vazio que não pode ser preenchido. O sofrimento da E01 está relacionado à ideia de que ser mãe é sinônimo de cuidar, e essa associação entre ser mulher e ser útil está intrinsecamente ligada à maternidade.

Quando uma mulher se afasta da função de cuidadora, pode sentir-se inútil. Essas definições limitadas sobre o que é ser mulher e mãe muitas vezes exigem que algumas mulheres repensem suas vidas posteriormente, especialmente quando seus filhos se tornam mais independentes ou quando ocorre uma perda, resultando na perda de suas identidades. Elas passam a não se reconhecer e buscam outras possibilidades e afirmações vindas de terceiros, buscando se reequilibrar.

Portanto, é fundamental reconhecer que o processo de enfrentamento do luto é um momento de grande abalo emocional. A mãe que vivencia essa perda precisa de suporte emocional adequado para lidar com a situação e encontrar um caminho para a resignificação desse momento tão difícil. Identificar e compreender as emoções presentes é essencial nesse processo.

4.3.1 As emoções no processo de enlutamento

O processo de luto é uma vivência profundamente pessoal e emocional, especialmente quando se trata da perda de um filho. Essa experiência desafiadora provoca uma gama diversificada de emoções e sensações, conectando-se ao âmago do ser humano (Pereira, 2014).

É importante ressaltar que essas emoções variam de acordo com a relação que as mães estabelecem com o processo de luto. Alguns relatos destacam:

A angústia é minha companheira, quando eu acordo de manhã, que eu acordo, quando eu abro o olho e já vem aquela coisa ruim aqui tomando, também raiva de mim mesmo (E01 – 61a.)

Tristeza, né?! A gente não tem mais alegria. Os irmãos não têm mais alegria, estão todos depressivos, ansiedade. Eu cuido dos meus pais idosos, tinha que dá notícias pra eles sem chorar, eu tive que engolir tanta coisa sem chorar, ainda hoje eu não coloquei esse choro pra fora acredita? E eu não botei pra fora, eu to com uma ansiedade tão grande, tem tempo que eu fico dando baque dentro de casa, sabe? (E03 – 58a.)

Porque X [filho falecido pela COVID-19] era alegria, alegria de X era contagiante, não só na minha casa, mas para todo mundo. Mas assim, o primeiro natal sem ele, o primeiro ano novo, São João, no aniversário dele, o meu aniversário, o aniversário dos meninos, ver os meninos crescendo sem ele e que ele amava demais (E04 – 53a.)

O processo de luto é uma vivência profundamente pessoal e emocional, e as emoções associadas a essa experiência são complexas e multifacetadas. Nesse contexto, as mães enlutadas enfrentam uma gama diversificada de sentimentos, que variam conforme suas histórias individuais e vínculos afetivos. As mães E01 e E03 expressam sentimentos de angústia e tristeza diante da perda de seus filhos.

Essas emoções são comuns e esperadas durante o luto. Surpreendentemente, a mãe E04 acrescenta a alegria à sua experiência de luto. Ela associa esse sentimento ao que seu filho costumava sentir, se permitindo que ao lembrar do mesmo, ela consiga sentir alegria. Essa diversidade de emoções revela a complexidade do processo de luto.

As lembranças relacionadas à perda do filho podem evocar uma variedade de emoções. Cada mãe lida com esses sentimentos de maneira única. É fundamental reconhecer e validar essas emoções, permitindo que sejam elaboradas e compreendidas. Quando não processadas adequadamente, as emoções podem desencadear sintomas físicos e prejudicar o funcionamento diário.

4.4 O DIA A DIA APÓS A PERDA DO(A) FILHO(A)

Em relação ao cotidiano após a perda de um filho, observam-se relatos sobre as atividades diárias afetadas e a ausência de suporte social. É importante destacar que a tentativa de reconstruir e organizar a vida faz parte do processo de luto. A mudança na rotina familiar após a morte exige esforço, uma vez que os dias frequentemente estão repletos de uma série de sentimentos e incertezas.

O luto materno resultou em alterações significativas na vida das participantes, tanto no papel de mãe quanto em suas relações com a sociedade. No que diz respeito ao suporte social, os relatos a seguir são relevantes.

Eu fiquei indignada porque tanta amizade que a gente tinha, né, e nem ninguém apoiou, perguntou se estava precisando de alguma coisa, nem nada (E02 – 62 a.)

Eu acho que todo mundo hoje, olha para mim com o olhar de pena, as vezes assim até me incomoda, porque eu acho que o olhar de pena é o pior que existe. Acho melhor alguém andar com você com raiva, do que com pena (E04 – 53 a.)

O suporte social é reconhecido como um dos fatores sociais capazes de desempenhar um papel significativo na saúde e bem-estar dos indivíduos ao longo do ciclo de vida. Este pode atuar na diminuição dos níveis de ansiedade e na promoção de um equilíbrio psicológico,

oferecendo segurança para enfrentar os estresses associados ao luto (Harandi *et al.*, 2017; Han *et al.*, 2019).

Por outro lado, a percepção de um olhar de pena pode contribuir para a desorganização emocional dos indivíduos, como relatado pela participante E04, induzindo sentimentos de inferioridade e desconforto. Concomitantemente, a ausência de relações afetivas pode gerar a sensação de isolamento e falta de suporte no acolhimento da dor, conforme expresso pela mãe E02.

Carpinejar (2021) observa que o enlutado experimenta múltiplas ‘mortes’ diárias, não podendo compartilhar seu sofrimento com o ente querido falecido. Aqueles que anteriormente buscavam apoio e consolo agora enfrentam um vazio significativo. Estudos indicam que um menor apoio social está inversamente relacionado a consequências negativas, tais como solidão, sintomas depressivos, luto prolongado, estresse pós-traumático, menor incidência de ideação suicida, enquanto um maior apoio auxilia para uma maior resiliência e qualidade de vida (Siswadi *et al.*, 2022).

Quanto às alterações nas atividades diárias, tarefas anteriormente prazerosas tornaram-se desafiadoras, conforme relatado a seguir:

Eu não tenho cabeça para fazer nada, impactou assim, eu falei até para minha filha “será que eu já estou com Alzheimer?” porque eu não tenho disposição, para fazer meu serviço de rotina, tem que ter uma pessoa ou pagar outra pra vim fazer comigo, porque eu não faço não (E01 – 61 a.)

Teve uma quebra, porque antigamente eu gostava muito de cozinhar, gostava de fazer as comidas que ele gostava e eu passei um tempo que nem na cozinha eu gostava de ir. De tanto os meninos me cobrar, dizendo que ele se foi, mas ele estava aqui, isso e aquilo, foi isso que me motivou, entendeu? (E04 - 53 a.)

Mudou muito, eu não tenho mais gosto nem de passear, mas nem de sair, que ele me levava para todo canto (E05 – 72 a.)

Fukumitsu (2018) observa que, após uma perda, os familiares tornam-se vulneráveis, enfrentando dificuldades para compreender e aceitar a nova realidade, bem como para reajustar-se e atribuir novos significados à ausência. A continuidade das atividades diárias, tal como eram realizadas antes do evento, é desafiadora. Os relatos analisados evidenciam essa dificuldade em manter as rotinas habituais e em prosseguir com atividades que, anteriormente, eram fontes de prazer e felicidade.

Assim, ressalta-se a importância das atividades diárias significativas durante o processo de luto, que devem receber atenção especial, pois são cruciais no processo de aceitação e

elaboração da perda. Os suportes sociais são essenciais para salvaguardar a saúde dos enlutados das consequências da perda e para facilitar a adoção de estratégias de *coping*.

4.5 COPING E SUPORTE PSICOLÓGICO

No contexto do luto, torna-se imperativo o desenvolvimento de estratégias de suporte e apoio emocional, particularmente em casos de luto sem despedidas, que afetam profundamente os familiares remanescentes. Assim, no que concerne às estratégias de *coping*, destacam-se os seguintes relatos:

Acho que eu não fiz nada não, só ir pra igreja mesmo, pedir forças a Deus, criar coragem e seguir em frente, pelos outros (E03 – 58 a.)

Eu não fiquei prostada, em cima da cama chorando não, eu me levantei no outro dia bem cedo no domingo, rezei minhas rezas aí vim fazer o café, bebi, já tinha comida feita (E05 – 72 a.)

As participantes relatam que a religião emergiu como um suporte vital no enfrentamento do luto, caracterizando-se como um *coping* religioso. Esse *coping* é definido pela influência da religião, espiritualidade ou fé na vida do indivíduo, especialmente em momentos de desânimo, luto e escassez de perspectivas futuras. O *coping* religioso promove a ressignificação e adaptação, apoiando-se em práticas como orações, fé e espiritualidade, que facilitam a conexão com uma entidade superior. A participante E03 menciona que buscou em Deus a coragem para enfrentar os dias vindouros.

Guerra *et al.* (2018), destacam que o *coping* religioso está diretamente associado à melhoria da qualidade de vida e ao fomento do bem-estar, constituindo-se como um mecanismo de resiliência essencial diante da perda de um filho. De acordo com Krawczyk e Zan (2021), a resiliência vai além da mera sobrevivência às adversidades, envolvendo também a capacidade de transformação e crescimento pessoal após vivências traumáticas.

Para a participante E04, os familiares remanescentes representaram seu principal meio de *coping* para enfrentar a situação:

O amor dos meus filhos e dos meus netos. Eles que me motivam todos os dias (E04 – 53 a.)

Considerando o papel de cuidado inerente às mães ao longo de suas vidas, a participante em questão abraça essa função como meio de elaborar seu luto, transformando o amor e o

cuidado por sua família em uma estratégia de *coping*. Ela se apega aos seus papéis de mãe e avó, utilizando-os como suporte para enfrentar a perda de seu filho falecido.

No que diz respeito a outras estratégias de *coping*, a participante E01 relata que buscar atividades fora de casa constitui um meio de enfrentamento:

Já tentei viajar, agora mesmo eu viajei, eu viajo passo um mês, até mês e meio, dois meses. Eu tento ficar lá para ver que quando eu chego, tem alguma coisa, tem alguma mudança, meu desejo é voltar, porque assim aquela solidão, aquilo tudo não tem como é muita falta (E01 – 61 a.)

Observa-se que a viagem constitui um mecanismo de enfrentamento para a participante, uma vez que a sensação de solidão pode intensificar emoções e sentimentos negativos. Diante disso, ela prefere viajar quando confrontada com a ausência do filho. Conforme Aylaz *et al.* (2012), a solidão induz tristeza, medo e ansiedade, emoções que se desenvolvem paralelamente à sensação de perda.

4.6 A PSICOLOGIA FRENTE AO ACONSELHAMENTO DO LUTO EM PERDAS DEVIDO A COVID-19

De acordo com a Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), o luto vivenciado em contexto pandêmico pode ser particularmente desafiador devido à sobrecarga emocional. A incerteza e a ausência de respostas concretas acerca da morte são fatores presentes. Torna-se imprescindível que indivíduos em processo de luto recebam apoio emocional e psicológico apropriado.

Nesse contexto, o aconselhamento do luto apresenta-se como uma estratégia viável para atenuar os impactos negativos do luto. Tal aconselhamento fundamenta-se em uma intervenção psicológica que visa apoiar o indivíduo enlutado no manejo da perda, prevenindo o luto prolongado e, assim, facilitando o processo de luto (Worden, 2013).

Quanto ao papel da Psicologia no aconselhamento do luto em decorrência de perdas causadas pela COVID-19, ressalta-se a relevância de se contar com esse suporte:

Doutora Y, a psicóloga, foi uma mãe para mim. (...) Doutora Y me deu a maior força, porque eu já tava até me consultando com ela, aí quando tive a perda mesmo aí. Ai até hoje estou com eles. (...) A gente ter mais apoio uma da outra, e também dos profissionais, porque eu acho muito interessante e muito bom conversar com pessoas dessa área, como Psicologia e para mim seria o maior apoio. (E01 – 61a.)

A participante relata que o suporte psicológico foi fundamental durante seu processo de luto e enfatiza a importância desse auxílio para outras mães que enfrentam a perda de filhos

devido à COVID-19. Worden (2013) destaca que a experiência da morte é única para cada pessoa, variando o grau de sofrimento entre os indivíduos. Da mesma forma, o processo de superação dessa perda é distinto; algumas famílias podem atravessar as quatro tarefas do luto sem maiores dificuldades ou sem a necessidade de intervenção profissional.

No entanto, em situações de elevado estresse, o suporte de aconselhamento torna-se essencial para a reorganização no contexto vivido, alinhando-se às quatro tarefas centrais do luto. Estas tarefas incluem: aceitar a realidade da perda; processar a dor do luto; adaptar-se a um novo ambiente sem o ente querido; e redirecionar a energia emocional anteriormente voltada ao falecido, prosseguindo com a vida.

Conforme Worden (2013), a conclusão dessas tarefas marca o término do processo de elaboração do luto, de adaptação frente a perda, que não é linear nem possui um início e fim cronologicamente delimitados. O processo é considerado concluído quando as tarefas estão completas, isto é, quando a pessoa enlutada consegue lembrar do falecido sem sentir dor, o que não implica indiferença ou negação da tristeza, mas sim um avanço saudável.

Nessa ótica, aconselha-se uma abordagem mais assertiva e direta por parte dos psicólogos, com um acompanhamento prolongado e atento ao contexto dos enlutados, promovendo a elaboração do luto. Recomenda-se também o desenvolvimento de programas de aconselhamento especializado para as famílias dos falecidos pela COVID-19, assegurando um atendimento contínuo e a implementação de novas políticas públicas (Silva *et al.*, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo primordial discutir os impactos psicossociais do luto materno em mães que perderam seus filhos devido à COVID-19. Foi promovido um debate acerca das experiências do luto materno na atualidade e da relevância da atuação psicológica neste cenário, propiciando reflexões sobre os efeitos psicológicos e sociais emergentes. Mediante análise teórica e relatos das participantes, identificaram-se múltiplas facetas do sofrimento materno, que transcendem a dor emocional e se expressam em dimensões psicológicas, sociais e físicas.

Constatou-se que a morte, tema de longa discussão na sociedade, adquiriu diversas interpretações ao longo do tempo, sendo outrora vista como uma benção após uma vida longa, e em outros momentos, como algo inesperado, triste e doloroso. Em um contexto pandêmico, torna-se imperativo examinar os impactos que a morte impõe aos enlutados.

O luto materno é marcado por sua profunda singularidade, caracterizando-se por um sofrimento intenso e duradouro. Mães que enfrentam o luto pela COVID-19 lidam com uma dor exacerbada pelo cenário pandêmico, marcado pela ausência de rituais de despedida e pela impotência frente a uma enfermidade desconhecida, intensificando sentimentos de abandono e solidão, e complicando o processo de luto.

Este trabalho ressalta a importância dos rituais de despedida, das redes de suporte e das estratégias de enfrentamento adotadas por essas mães no cotidiano pós-perda. Acredita-se que as descobertas deste estudo possam contribuir para o entendimento dos impactos psicossociais do luto materno causado pela COVID-19, enfatizando a necessidade de intervenções junto a essas mães, incluindo apoio psicológico, social e comunitário.

As conclusões apresentadas visam auxiliar futuras investigações e a implementação de políticas públicas mais efetivas, que possam acolher e apoiar não apenas as mães, mas todos aqueles que vivenciam circunstâncias análogas.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Ana Carolina Jacinto, CARVALHO, Maria Dalva de Barros ; PELLOSO, Sandra Marisa. The death of a young son in violent circumstance: understanding the experience of the mother. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. 3, p. 341–347, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692008000300002>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

AYLAZ, Rukuye *et al.* **Relationship between depression and loneliness in elderly and examination of influential factors**. Arch Gerontol Geriatr, 2012. Disponível em: <[doi:10.1016/j.archger.2012.03.006](https://doi.org/10.1016/j.archger.2012.03.006)>. Acesso em: 25 mai. 2024.

BAJWAH, Sabrina *et al.* **Managing the supportive care needs of those affected by COVID-19**. The European Respiratory Journal, vol. 55, n. 4, 2000815, 2020. Disponível em: <[doi:10.1183/13993003.00815-2020](https://doi.org/10.1183/13993003.00815-2020)>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BALDIN, Carla Borsoi; FORTES, Vera Lucia Fortunato. **Viuvez feminina: a fala de um grupo de idosos**. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, v. 5, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/257>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus – COVID-19. Brasília, 2020. Disponível em:

<<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/25/manejo-corpos-coronavirus-versao1-25mar20-rev5.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Painel Coronavírus.** Disponível em: <<https://www.saude.gov.br>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

CANASTRA, Cilena. **A morte: abordagem interdisciplinar.** Porto: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, 2007. Tese de Mestrado em Bioética Teológica. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10198/5757>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

CARPINEJAR, Fabrício. **Depois é nunca.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

CITRONI, Mario *et al.* **Literatura da Roma Antiga.** Tradução Margarida Miranda, Isaías Hipólito; rev. Walter de Sousa Medeiros. - Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, D.L. 2006.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. **Morte: uma visão psicossocial.** Estudos de Psicologia (Natal), Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Partidas: luto, ritos e memória.** Novos Olhares, v. 7, n. 2, p. 7-14, 2018.

CREPALDI, Maria Aparecida *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, p. e200090, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.** 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **História de Vida na Abordagem de Problemas Educacionais.** In: SISMO, O.M.V. (Org.). Experimentos em Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

DEMENECH, Lauro Miranda *et al.* **Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil.** Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 23, p. e200095, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720200095>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FUKUMITSU, Karina Okajima **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras.** São Paulo: Summus Editorial, 2018.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha *et al.* **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações.** Escola Anna Nery, v. 26, n. spe, p. e20210208, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>>. Acesso em: 18 mar. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODELIER, Maurice. **Sobre a morte: invariantes culturais e práticas sociais**. Edições Sesc, 2017.

GOLDIM, José Roberto; FERNANDES, Marcia Santana. **Morte e Morrer em Tempos de COVID-19**. *Clinical and Biomedical Research*, [S. l.], v. 41, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/111850>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

GUERRA, Grazia Maria *et al.* **Índice de Religiosidade e Qualidade de Vida na busca por melhor controle da pressão arterial**. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 932-957, 2018. Disponível em: <<https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/95>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

HAN, Areum *et al.* **Estratégias de enfrentamento, apoio social, atividades de lazer e deficiências físicas**. *Am J Saúde Comportar-se*, 2019. Disponível em: <Estratégias de enfrentamento, suporte social, atividades de lazer e incapacidades físicas - PubMed (nih.gov)>. Acesso em: 24 mai. 2024.

HARANDI, Tayebeh Fasihi *et al.* **The correlation of social support with mental health: A meta-analysis**. *Electronic physician*, v. 9, n. 9, p. 5212-5222, 25 set. 2017. Disponível em: <The correlation of social support with mental health: A meta-analysis - PMC (nih.gov)>. Acesso em: 24 mai. 2024.

HORTEGAS, Monica Giraldo; SANTOS, Cristiane Calda dos. **Covid-19 e o luto: sem poder dizer o último adeus**. *Revista Transformar*, 14 Edição Especial “Covid-19: pesquisa, diálogos transdisciplinares e perspectivas”, 2020. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/382>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

IBGE. Cidades e Estados, 2022. Disponível em: <Mauriti (CE) | Cidades e Estados | IBGE>. Acesso em: 24 out. 2023.

INGRAVALLO, Francesca. **Death in the era of the COVID-19 pandemic**. *The Lancet Public Health*, v. 5, n. 5, e258, 2020. Disponível em: <e258. doi:10.1016/S2468-2667(20)30079-7>. Acesso em: 29 mar. 2024.

KAST, Verena. **A Alma precisa de tempo**. Petrópolis: Vozes, 2018.

KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e o desenvolvimento humano**. 5. ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008.

KRAWCZYK, Nora; ZAN, Dirce. **Resiliência ou resistência: um dilema social pós-pandemia**. *Políticas Educativas – PolEd*, v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/PolEd/article/view/119966>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

KUBLER-ROSS, Elizabeth; SAUNDERS, Cicely. **Morte reumanizada**. In: KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: quebrando paradigmas*. Nova Hamburgo: Sinopys Editora, 2021.

LOURENÇO, Alessandra Spitz Guedes Alcoforado. **Vida após a morte: um estudo sobre os enterramentos pré-históricos no Estado do Paraná para identificação, gestão e valorização do**

patrimônio arqueológico. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural). Rio de Janeiro: **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 2016. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Alessandra_Spitz_dissert.pdf. Acesso em>: 25 mar. 2024.

MAIA, Bruna Bortolozzi. **E os que ficam? Cartilha de orientações sobre luto decorrente da morte de um ente querido no contexto da Covid-19**. Padu Aragon, 2021. Disponível em: <E os que ficam_Cartilha_Luto por pessoas_Covid.pdf (ilcbrazil.org.br)>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MIYAZAKI, Maria Cristina de Oliveira Santos; TEODORO, Maycoln. **Luto Sociedade Brasileira de Psicologia. Enfrentamento ao COVID-19**. Tópico 6. Disponível em: <Artigo6.pdf (sbponline.org.br)>. Acesso em: 13 mai. 2024.

MOTTA, António. **A flor da pedra: formas tumulares e processo sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2009.

NETO, Olavo Mauricio de Souza *et al.* **Ensaio narrativo sobre processo de enlutamento frente a covid-19**. Research, Society and Development, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsdv9i9.7562>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

OWENZ, Meghan; FOWERS, Blaine J. **Perceived post-traumatic growth may not reflect actual positive change: A short-term prospective study of relationship dissolution**. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 36, n. 10, p. 3098-3116, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0265407518811662>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

PEREIRA, Inês Catarina Oliveira. **Avaliação do Processo de Luto: na perspectiva do cuidador enlutado**. Dissertação (Mestrado em Cuidados Paliativos). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23495/1/10975.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

PEREIRA, Patrícia Tavares de Alcantara *et al.* Maternidade Romantizada: Expectativas do Papel Social Feminino Pós-Concepção. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 96, n. 40, p. e-021313, 2022. Disponível em: <<https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1508>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

PINHO-FUSE, Miriam Ximenes. **Luto à flor da pele: Tatuagens in memoriam em leitura psicanalítica**. Editora Blucher, 2022.

POSSEBON, Fabrício; MEDEIROS, Gracilene Felix. Os rituais fúnebres da Pré-História à Grécia Antiga: as bases de uma religião. **Revista Eletrônica Observatório da Religião**, v. 1, 2014. Disponível em: <Os Rituais Fúnebres da Pré-história à Grécia Antiga: As Bases de uma Religião | Revista Observatório da Religião (uepa.br)>. Acesso em: 25 mar. 2024.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RENTE, Maria Angelica de Melo ; MERHY, Emerson Elias. LUTO E NÃO-VIOLÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: PRECARIIDADE, SAÚDE MENTAL E MODOS

OUTROS DE VIVER. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p. e020007, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240329>>. Acesso em: 10 mai. 2024.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte, necrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa**. 2ª ed. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

RIBEIRO, Fernando António Oliveira. **A morte como tema sociológico**. Desenvolvimento e Sociedade - Revista Interdisciplinar em Ciências Sociais, 2021. Disponível em: <A morte como tema sociológico. Um olhar sobre os fundamentos e a importância do estudo da morte como tema sociológico | Ribeiro | Desenvolvimento e Sociedade (uevora.pt)>. Acesso em: 19 mar. 2024.

RODRIGUEZ, Gabriel Rodriguez. **Estudo etnográfico sobre a morte e o morrer na freguesia dos Canhas**. 2021. Tese (Mestrado em Relações Interculturais) - Universidade Aberta. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/12138>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SABBADINI, Aline. **Mortes na vida e vidas na morte: análise de vivências de perdas e lutos em idosos residentes em asilo**. Assis, SP: Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190980>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SANTOS, Caroline Ferreira dos.; NASCIMENTO, Senhor Crisóstomo Lima do. **COVID-19 E A REINVENÇÃO DA VIDA A PARTIR DO RISCO DE FINITUDE: Um olhar a partir de Viktor Frankl**. Revista Transformar, 14, Edição Especial “Covid-19: pesquisa, diálogos transdisciplinares e perspectivas”. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/385>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

SCANLON, Joseph; MCMAHON, Terry. **Dealing with mass death in disasters and pandemics**. Disaster Prevention and Management, v. 20, n. 2, p. 172-185, 2011. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1108/09653561111126102>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SCHMIDT, Beatriz *et al.* **Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 21, n. 50, p. 423-430, 2011. Disponível em: <SciELO - Brasil - Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SILVA, Andrêze Cristine do Nascimento *et al.* **Telepsicologia para famílias durante a pandemia de COVID-19: uma experiência com telepsicoterapia e telepsicoeducação**. HU Revista, v. 46, p. 1-7, 2020. DOI: 10.34019/1982-8047.2020.v46.31143. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/31143>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

SILVA, Enock Douglas Roberto Da *et al.* **A morte no ocidente: considerações sobre a história da morte no ocidente e suas representações históricas**. Anais IV CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35481>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

SISWADI, Ahmad Gimmy *et al.* **The Role of Perceived Social Support and Resilience in Predicting the Mental Health of Healthcare Professionals During the COVID-19**

Pandemic: A Study from Indonesia. *The Open Psychology Journal*, 2023. Disponível em: <doi:10.2174/18743501-v15-e221222-2022-69>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SOUSA, Luiza Eridan Elmiro Martins de. **O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação.** *IGT rede*, v. 13, n. 25, p. 253-272, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 mai. 2024.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. **Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, p. e35412, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Acesso em: 18 mar. 2024.

TAVARES, Thiago Rodrigues. **Um ritual de passagem: o processo histórico do “bem morrer”.** *Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH: Maringá-PR, Ano II, n. 4*, maio 2009.

TAYLOR, Steven. ***The psychology of pandemics: preparing for the next global outbreak of infectious disease.*** *Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing*, 2019. Disponível em: <The Psychology of Pandemics: Preparing for the Next Global Outbreak of Infectious Disease - Cambridge Scholars Publishing>. Acesso em: 29 mar. 2024.

THOMAS, Jorge. **Morte em tempos de coronavírus.** *Ética indiana J Med.* 2020 Abr-Jun; V(2):1-3. Disponível em: <10.20529/IJME.2020.036>. Acesso em: 21 abr. 2024.

WALLACE, Cara L *et al.* ***Grief During the COVID-19 Pandemic: Considerations for Palliative Care Providers.*** *Journal of pain and symptom management*, v. 60, n. 1, p. e70-e76, 2020. Disponível em: <10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>. Acesso em: 29 mar. 2024.

WORDEN, William. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental.** São Paulo: Roca, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. ***Coronavirus disease (COVID-19) pandemic.*** 2021. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 06 fev. 2024.